FIERGS

INFORME ECONÔMICO

Ano 23 ● Número 23 ● 07 de junho de 2021

Atividade industrial gaúcha inicia o segundo trimestre em queda

Num cenário esperado de normalização gradual na cadeia de suprimentos, as perspectivas são positivas.

O que o resultado do PIB sugere para o resto do ano?

Projeções apontam uma inflação mais pressionada neste ano

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731
UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS
www.fiergs.org.br/indicadores-e-estudos-economicos

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Atividade industrial gaúcha inicia o segundo trimestre em queda

Num cenário esperado de normalização gradual na cadeia de suprimentos, as perspectivas são positivas.

A pesquisa Indicadores Industriais do RS, realizada mensalmente pela FIERGS, mostrou que o Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), termômetro do nível de atividade do setor, recuou 1,0% em abril, na comparação com março ajustada sazonalmente. Essa foi a terceira redução seguida, perdendo 2,1% neste período.

A queda nesta métrica foi puxada por três dos seus seis componentes: compras industriais (-9,1%), faturamento real (-4,5%) e horas trabalhadas na produção (-1,5%). Apenas a massa salarial real (+0,3%) cresceu, enquanto o emprego e a utilização da capacidade instalada (UCI), que atingiu 82,3% em abril, ficaram estáveis em relação a março.

O cenário muda completamente nas comparações com 2020, que mostraram taxas de crescimento recordes, em grande parte, por conta do efeito estatístico devido à base deprimida também histórica do mesmo período do ano passado: +34,9% relação a abril e +15,7% no acumulado dos primeiros quatro meses do ano. Para se ter uma ideia desse efeito, o IDI/RS está em 2021, apenas 2,1% e 5,4%, respectivamente, acima dos períodos equivalentes de 2019. Portanto, as taxas anuais devem perder força ao longo do ano à medida que as comparações ocorram com bases mais altas.

Na comparação com os primeiros quatro meses de 2020, o crescimento do IDI/RS é generalizado tanto do ponto de vista de seus seis componentes – apenas a massa salarial real recuou (-0,2%) – quanto dos dezesseis setores pesquisados – apenas Máquinas e materiais elétricos caiu (-7,9%) –.

Destaque, no primeiro caso, para as compras industriais (+37,3%), para o faturamento real (+18,7%) e para as horas trabalhadas na produção (+18,2%). Já o emprego cresceu 3,6% e a UCI aumentou 7,4 p.p..

Entre os setores, as maiores influências vieram de Máquinas e equipamentos (+36,8%), puxado pelo segmento de Máquinas e implementos agrícolas (+44,7%), Produtos de metal (+30,4%), Alimentos (+5,6%) e Veículos automotores (+14,6%).

A pesquisa Indicadores Industriais do RS de abril consolidou um quadro de desaceleração da atividade industrial gaúcha na margem, ainda que em patamares elevados depois de meses de expressivas altas consecutivas. A escassez e a elevação dos custos dos insumos e matérias-primas são, nesse início de ano, os principais limitadores do desempenho do setor em meio à crise sanitária e à diminuição dos auxílios governamentais.

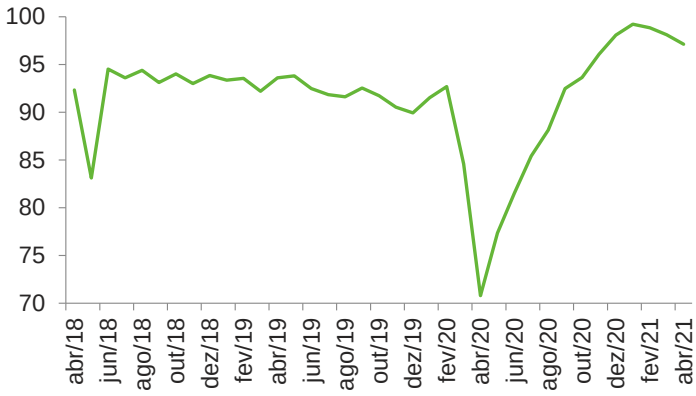
Apesar disso, num cenário esperado de normalização gradual na cadeia de suprimentos, as perspectivas para a indústria gaúcha seguem positivas, ancoradas, em diversos fatores como a reabertura das atividades econômicas, a redução do isolamento social, o aumento da demanda externa e a grande safra agrícola nacional.

Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul
(Variações em % – abril de 2021)

	Variação %		
	Mês anterior*	Mês ano anterior	Ac. ano
Índice de desempenho industrial	-1,0	34,9	15,7
Faturamento real	-4,5	57,1	18,7
Horas Trabalhadas na produção	-1,5	41,0	18,2
Emprego	0,0	6,8	3,6
Massa salarial real	0,3	4,9	-0,2
UCI (em p.p.)	0,0	17,3	7,4
Compras Industriais	-9,1	68,2	37,3

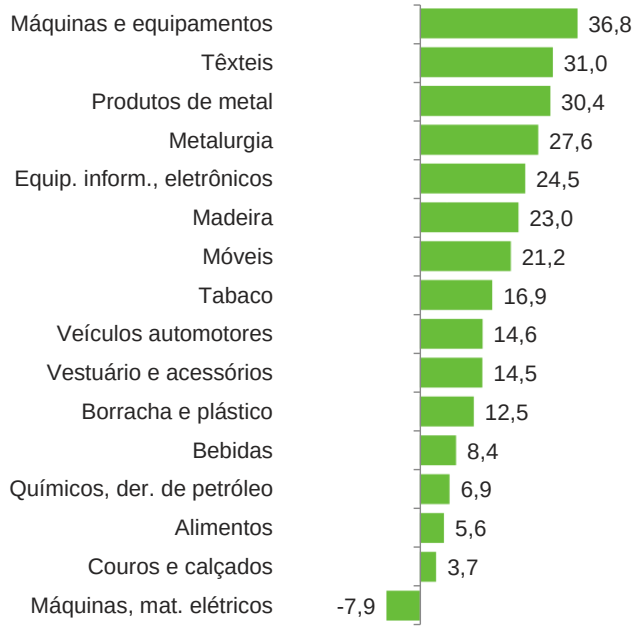
* Dessazonalizado

Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS)
(Índice base fixa mensal: 2006=100)



Série dessazonalizada.

Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS – Setorial
(Variação jan-abr 2021/20 – %)



Fonte: UEE/FIERGS.

O que o resultado do PIB sugere para o resto do ano?

O PIB avançou 1,2% no primeiro trimestre em relação ao 4ºT/20, na série com ajuste sazonal, acima do que se esperava no final do ano passado, quando as projeções eram de 0%. A consequência natural desse resultado positivo têm sido a elevação das expectativas para o crescimento do ano.

O resultado do 1º trimestre implicou em um *carryover** de 4,9% para o PIB de 2021, e praticamente colocou a economia no patamar pré-crise (4ºT/19). Ainda assim, está 3,1% abaixo do pico, alcançado no 3ºT/14. Vários vetores que explicam esses resultados robustos do 1º trimestre devem continuar estimulando o crescimento neste segundo trimestre e, talvez, até mesmo no restante do ano, como a recuperação do crescimento global e a alta dos preços das *commodities*.

Além desses elementos que continuarão presentes na economia, outras forças deverão ganhar mais relevância nos próximos meses. A aceleração da vacinação (principalmente), a recomposição de estoques, as condições financeiras favoráveis e o uso da poupança acumulada no ano passado estão entre eles.

Mas, algumas ressalvas devem ser consideradas para pensarmos o segundo semestre. Parte dos resultados positivos do primeiro semestre se deveu ao aumento de mobilidade, isto é, uma parte do crescimento gerado pela reabertura da economia, com avanço da vacinação, pode já estar sendo antecipado. Adicionalmente, as expectativas de retirada do auxílio emergencial e a antecipação do 13º devem segurar o impulso sobre a atividade e precisará ser contrabalanceado pelo uso da poupança acumulada e melhoria mais intensa do mercado de trabalho, principalmente informal.

Outro fator a ser considerado são as restrições de oferta, como a escassez de insumos ou o risco hidrológico. O desafio da recomposição de estoques e fornecimento de insumos possui escala global e sua normalização pode ser lenta, limitando a recuperação da indústria sob custos pressionados. De modo semelhante, o risco hidrológico se ampliou, e o uso mais intensivo das térmicas tende a reduzir o PIB ao se ampliar o consumo intermediário.

Finalmente, um risco ainda presente é a própria pandemia. Apesar de que o distanciamento social teve efeito menor sobre a economia recentemente, eventuais atrasos na vacinação e novas variantes são riscos para o cenário de crescimento. Dessa forma, revisamos nossas estimativas, consideramos avanço de 4,6% para o PIB brasileiro em 2021.

Projeções para o crescimento do PIB - BR
(Variação % contra o mesmo trimestre de 2020)

1ºT/21	2ºT/21	3ºT/21	4ºT/21	2021
1,0	12,1	4,6	1,4	**4,6**

Fonte: FIERGS/UEE. Obs.:**carryover*: caso a economia fique estagnada no patamar observado nos três primeiros meses do ano, o crescimento acumulado ao final de 2021 será de 4,9%.

Projeções apontam uma inflação mais pressionada neste ano

Nossas projeções para o IPCA de maio (a ser divulgado em 09/jun) são de 0,72% em termos mensais, o que resulta uma aceleração da taxa acumulada em 12 meses para 7,94%, o maior patamar desde 2016.

A inflação de preços administrados também deve superar os patamares de 2016: 13,05% no acumulado em 12 meses até maio. Esse deve ser o principal grupo a acelerar em termos mensais, 2,08%, por conta de combustíveis e energia elétrica (mudança de bandeira tarifária).

Bens industriais também devem seguir a tendência de alta e subir 1,09%, que deve fazer com que a taxa acumulada em 12 meses alcance 8,05%, maior valor desde 2005, indicando que ainda não há sinais de arrefecimento para bens industriais.

Os preços de serviços, por sua vez, devem cair 0,29%, decorrente da deflação em passagens aéreas, aluguéis residenciais e seguro de veículos. Já a inflação de alimentos deve avançar 0,26%, em linha com a trajetória de desaceleração desse grupo no curto prazo.

Para 2021, os principais vetores que levam a uma piora do quadro inflacionário nos próximos meses, além da recuperação mais forte da atividade econômica, são relacionados à persistência de choques sobre os preços de *commodities* (agrícolas, metálicas e energéticas) e sobre os preços nas cadeias de abastecimento.

Desses elementos, o choque nos preços de *commodities* agrícolas terá impacto direto sobre a projeção de inflação de alimentos, deve subir 8,1% no ano, enquanto o choque nos preços de *commodities* metálicas em conjunto com os gargalos da indústria pressionam a inflação de bens industriais (+5,90%).

O fator de atividade econômica, além ter um impacto importante sobre alimentos e industriais por conta dos choques mencionados, também terá um efeito via serviços, que deve ser repassado indiretamente através do choque de alimentos sobre a inflação de alimentação fora do domicílio.

Finalmente, os riscos preponderantes sobre preços administrados são resumidos sobre o cenário recente de combustíveis (petróleo em alta) e energia (baixos níveis dos reservatórios): espera-se alta de 7,94% nesse grupo. Assim, a nossa projeção para o IPCA no final de 2021 está em em 5,83%.

Projeções para a taxa de inflação - IPCA
(Variação em termos %)

	mai/21	2021
Livres	0,26	5,15
Alimentos	0,26	8,10
Serviços	-0,29	3,62
Bens Industriais	1,09	5,90
Monitorados	2,08	7,94
IPCA	**0,72**	**5,83**

Fonte: FIERGS/UEE.

DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA BRASILEIRA

Últimas previsões atualizadas.

	2017	2018	2019	2020	2021*
Produto Interno Bruto Real (% a.a.) [1]					
Agropecuária	14,2	1,3	0,6	2,0	3,9
Indústria	-0,5	0,7	0,4	-3,5	5,8
Serviços	0,8	2,1	1,7	-4,5	4,0
Total	**1,3**	**1,8**	**1,4**	**-4,1**	**4,6**
Produto Interno Bruto Real (Em trilhões correntes)					
Em R$	6,585	7,004	7,407	7,448	7,978
Em US$[2]	2,063	1,916	1,877	1,444	1,558
Inflação (% a.a.)					
IGP-M	-0,5	7,6	7,3	23,1	15,5
INPC	2,1	3,4	4,5	5,4	5,6
IPCA	2,9	3,7	4,3	4,5	5,8
Produção Física Industrial (% a.a.)					
Extrativa Mineral	4,5	0,0	-9,7	-3,4	3,0
Transformação	2,2	1,1	0,2	-4,6	5,7
Indústria Total[3]	**2,5**	**1,0**	**-1,1**	**-4,5**	**4,7**
Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)					
Agropecuária	34,3	2,2	13,0	61,6	11,9
Indústria	-140,0	23,9	97,2	207,8	132,1
Indústria de Transformação	-14,8	1,2	13,2	90,0	65,4
Construção	-116,1	11,4	70,7	112,2	55,6
Extrativa e SIUP[4]	-9,0	11,2	13,3	5,6	11,1
Serviços	93,7	520,2	533,8	-124,5	572,5
Total	**-12,0**	**546,4**	**644,1**	**142,7**	**716,5**
Taxa de desemprego (%)					
Fim do ano	11,8	11,6	11,0	13,9	15,8
Média do ano	12,7	12,3	11,9	13,5	16,5
Setor Externo (US$ bilhões)					
Exportações	217,7	239,3	225,4	209,8	240,0
Importações	150,7	181,2	177,3	158,9	174,8
Balança Comercial	**67,0**	**58,0**	**48,0**	**50,9**	**65,2**
Moeda e Juros					
Meta da taxa Selic – Fim do ano (% a.a.)	7,00	6,50	4,50	2,00	6,00
Taxa de Câmbio – Desvalorização (%)[5]	1,5	17,1	4,0	29,2	-1,7
Taxa de Câmbio – Final do período (R$/US$)	3,31	3,87	4,03	5,20	5,11
Setor Público (% do PIB)					
Resultado Primário	-1,7	-1,6	-0,8	-9,5	-4,2
Juros Nominais	-6,1	-5,4	-5,0	-4,2	-3,9
Resultado Nominal	-7,8	-7,0	-5,8	-13,7	-8,1
Dívida Líquida do Setor Público	51,4	52,8	54,6	63,0	72,8
Dívida Bruta do Governo Geral	73,7	75,3	74,3	89,3	98,3

Fontes: IBGE, BCB, FGV, Ministério da Economia, STN. * Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. [1] O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. [2] Taxa de câmbio média anual utilizada para o cálculo e IPCA utilizado como inflação. [3] Não considera a Construção Civil e o SIUP. [4] SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública. [5] Variação em relação ao final do período anterior.

Informações sobre as atualizações das projeções:

- Atualizadas valores para a balança comercial, IPCA e PIB.

DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL

Últimas previsões atualizadas.

	2017	2018	2019	2020	2021*
Produto Interno Bruto Real (% a.a.) [1]					
Agropecuária	11,4	-7,1	6,0	-29,6	20,0
Indústria	-1,8	2,8	1,7	-5,8	4,5
Serviços	1,6	2,6	1,6	-4,8	1,5
Total	**1,8**	**2,0**	**2,0**	**-7,0**	**4,0**
Produto Interno Bruto Real (Em bilhões correntes)					
Em R$	423,270	457,294	475,175	473,419	512,142
Em US$[2]	132,608	125,108	120,435	91,798	97,365
Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)					
Agropecuária	-1,5	-1,4	-0,1	0,6	1,2
Indústria	-12,1	1,5	-5,5	5,3	16,4
Indústria de Transformação	-5,9	0,9	-1,5	4,2	11,1
Construção	-3,9	0,9	-4,0	1,0	4,4
Extrativa e SIUP[3]	-2,3	-0,2	0,0	0,2	0,9
Serviços	5,4	20,4	26,0	-26,2	38,6
Total	**-8,3**	**20,5**	**20,4**	**-20,2**	**56,2**
Taxa de desemprego (%)					
Fim do ano	8,0	7,4	7,1	9,1	11,2
Média do ano	8,4	8,1	8,1	8,4	11,6
Setor Externo (US$ bilhões)					
Exportações	17,8	18,1	18,3	14,3	17,2
Industriais	12,6	12,2	13,6	10,4	13,0
Importações	9,9	11,3	9,5	6,7	7,6
Balança Comercial	**7,9**	**6,8**	**8,8**	**7,6**	**9,5**
Arrecadação de ICMS (R$ bilhões)	**31,9**	**34,8**	**35,7**	**36,2**	**40,6**
Indicadores Industriais (% a.a.)					
Faturamento real	3,8	2,7	3,0	-3,1	6,6
Compras	-1,3	10,0	-2,7	-5,8	8,2
Utilização da capacidade instalada	1,2	1,6	0,7	-4,5	3,2
Massa salarial	1,2	-1,3	-0,8	-9,8	5,0
Emprego	-1,1	0,9	0,0	-2,0	2,6
Horas trabalhadas na produção	-1,6	0,0	-1,0	-5,5	10,4
Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS	**0,4**	**2,6**	**0,1**	**-4,9**	**6,2**
Produção Física Industrial[4] (% a.a.)	**0,6**	**5,9**	**2,5**	**-5,4**	**6,3**

Fontes: DEE/Seplag-RS, IBGE, BCB, Ministério da Economia, SEFAZ-RS, UEE/FIERGS. * Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. [1] O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. [2] Taxa de câmbio média anual utilizada para o cálculo e IPCA utilizado como inflação. [3] SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública. [4] Não considera a Construção Civil e o SIUP.

Informações sobre as atualizações das projeções:

- Não houve alterações.

INFORME ECONÔMICO FIERGS